



A FÉ E O TRABALHO: COMO A VISÃO CRISTÃ MODIFICOU O MUNDO

Esp. Patricia Da Costa Fontenele Bean¹

RESUMO

O presente artigo possui o intuito de demonstrar como a fé cristã advinda dos ensinamentos de Jesus Cristo influenciou a sociedade de modo que possamos visualizar uma divisão bem delineada nos segmentos sociais, econômicos e culturais ao longo dos anos. A fé influenciou as relações de trabalho nas suas mais básicas expressões, não apenas financeiras, mas acima de tudo comportamentais dentro da cosmovisão de uma sociedade. Veremos uma linha crescente dentro da história humana, com variações em tempo e espaço.

PALAVRAS-CHAVES: Fé; Trabalho; Protestantismo; Reforma; Renascentismo; Iluminismo; Teoria do Desconstrutivismo.

ABSTRACT

The purpose of this article is to show how the Christian faith, derived from the teachings of Jesus Christ, has influenced society in such a way that we can visualize a well-defined division in social, economic and cultural segments over the years. Faith has influenced labor relations in their most basic expressions, not just financially, but above all behaviorally within a society's worldview. We will see a growing line within human history, with variations in time and space.

KEYWORDS: Faith; Work; Protestantism; Reformation; Renaissance; Illuminism; Deconstructivist Theory.

INTRODUÇÃO

O artigo se propõe a estabelecer uma correlação entre fé e trabalho. Ressaltando a condição divina do labor desde o início da humanidade. Dentro de um panorama social e econômico

¹ A autora é Bacharel em Direito, formada pela Faculdade Cândido Mendes (RJ); Pós-Graduada em Estudos Bíblicos no Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton, com área de concentração na disciplina de Exegese das Cartas paulinas. Membro da Igreja Batista Reformada de Nova Friburgo (RJ).

iremos abordar o Antigo Testamento através de Moisés e os Dez mandamentos dados por Deus; o Novo Testamento com a concretização das boas novas trazidas por Jesus Cristo; a adoção do Cristianismo como religião do Império Romano; a Idade Média que abarca o modelo de servidão; Lutero com o rompimento da metodologia eclesiástica; O Iluminismo; a idade moderna; pós-moderna e por fim a teoria do desconstrutivismo.

1.0 UMA VISÃO GERAL DO TRABALHO

De acordo com o dicionário de Filosofia² a palavra “trabalho” deriva do latim “labor”, sendo definido como a atividade cujo fim é utilizar as coisas naturais ou modificar o ambiente e satisfazer as necessidades humanas.

O homem depende da natureza, pois somente extraindo dessa fonte poderá atender suas necessidades e seus interesses, sendo o agente ativo na elaboração ou utilização dos recursos naturais, no qual exerce força em diferentes graus de esforço (físico e intelectual). Podemos assim afirmar que ao homem foi conferido por Deus um dom de utilizar os recursos naturais disponíveis para uso em benefício próprio.

O homem foi feito a imagem e semelhança de Deus, nosso Criador. Dele herdamos o intuito de fazer, de construir, de modelar, de mudar algo de uma situação para outra. Deus como “arquiteto” do mundo construiu do vazio todo o nosso mundo. Gênesis 1: 1-2 “¹ No princípio criou Deus o céu e a terra.² E a terra era sem forma e vazia.”

Ao homem foi conferido o trabalho de nomear os animais do mundo formando uma organização para definição de cada espécie. E além dessa atribuição certamente o homem para se alimentar coletava frutas, água, mantimentos, o que também pode se definir como trabalho. Desde a criação o homem foi colocado numa posição acima das demais criaturas.

Gênesis pode ser considerado o primeiro evangelho do trabalho, pois mostra de fato o que consiste o trabalho humano, qual seja, imitar Deus, porque traz para si este singular elemento de semelhança com o Criador. O trabalho humano é uma forma de participação na obra de Deus, por tal razão o desempenho de suas atividades deve ser considerado como um prolongamento da obra do Criador, sendo uma contribuição pessoal para a realização do plano providencial de Deus na história. Quando o homem trabalha não está apenas transformando as coisas materiais e a sociedade, mas realiza-se em si mesmo, superando-se.

² Trabalho. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Martin Fontes, 2007. p. 1147 – 1149.

Gênesis 3:17-19 “E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. **No suor do teu rosto comerás o teu pão**, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás.” (grifo nosso)

Todavia, dentro da literatura falada e escrita o ato de trabalhar, ganhou uma forma romantizada, pois lhe foi imputado pejorativamente um caráter penoso. Certamente em decorrência da queda de Adão e Eva. O trabalho foi associado à ideia de castigo, uma maldição divina, oriunda do pecado original. O trabalho foi visto por séculos como algo ruim, pesaroso, dispare de sua função divina conferida por Deus, apenas a repreensão foi exaltada e não mais as benesses do trabalho.

O trabalho apresenta as seguintes características: envolve o uso de energia; trata-se de uma ação transformadora sobre o objeto trabalhado; está intimamente ligado a uma necessidade pessoal e/ou social; é um elemento de aperfeiçoamento do objeto sob o qual a energia despendida será exercida, gerando um progresso³ sociedade-esforço-perseverança.

Ao homem foi conferido o poder de ir além da matéria, estabelecendo conexões e visualizando o invisível, que podemos dizer que se trata do puro exercício da fé. O homem consegue desenvolver seus pensamentos, emoções e ações. Isso transcende sua ação mecânica.

O pensamento e o conhecimento do homem, apesar de serem extraídos de seu cérebro, são, todavia, em sua essência uma atividade inteiramente espiritual, pois transcendem aquilo que ele pode ver e tocar (Hermisten **apud** BAVINCK, 2001, p.18).

Mas como podemos perceber, o homem foi desenvolvendo suas habilidades não só físicas, mas também intelectuais, de modo que houve um dado momento a conduta impositiva de um homem mais forte sobre outro ou outros mais fracos. E o homem se submeteu a outro homem, a voz de comando mais ativa poderia ser de ordem patriarcal ou por supremacia.

A escravidão era a forma mais peculiar de trabalho forçado. Quando uma nação, normalmente por motivos de guerra, subjugava a nação conquistada o povo se tornava escravo do conquistador; outro modo de escravização ocorria quando houvesse a impossibilidade de pagamento de uma dívida, o devedor se tornava servo de cobrador.

³ Costa, Hermisten M. P. da. O trabalho como exercício criativo e alegre da vocação de Deus - Fundamentos e implicações: uma aproximação Reformada.

Infelizmente ao longo dos séculos houve um abuso de poder onde a crueldade passou a ser empregada, culminando na escravidão sob imposição do medo, da crueldade, do desrespeito ao outro homem, tornando essa prática de trabalho repulsiva e desumana.

Dando um salto na história podemos verificar que a condição de trabalho escravo passou a outro patamar. O trabalho escravo ainda existia no mundo, mas com na Idade Média, surge uma nova classe social, que também era subjugada, formada por pequenos proprietários que venderam suas terras para quem tinha mais recursos e se tornaram servos. A prática disseminou-se na Europa e tornou-se a forma predominante de organização do trabalho agrário na época, os feudos.

Diante das relações de trabalho formava-se uma sociedade em forma de hierarquia. E em contraposição ao trabalho físico houve uma supervalorização do trabalho intelectual, sendo este visto como uma atividade contemplativa do ócio e muito mais digna, pois somente aos nobres; fortes; reis; superiores; era possível seu exercício.

Somente com o advento da Revolução Industrial, com base no êxodo rural, essa forma de trabalho servil foi sendo banida, dando início ao proletariado.

A Revolução indústria significou uma profunda transformação na economia e na sociedade do século XVIII, caracterizada pela passagem da manufatura para a industrialização mecânica, surgindo o trabalho assalariado. Temos a burguesia e o proletariado como antagonistas da era capitalista.

Podemos dizer que muitas das relações de trabalho não foram expostas, mas o intuito do artigo é apenas apresentar um panorama desta trajetória.

2 FÉ COMO FATOR REVOLUCIONÁRIO DO TRABALHO.

A fé é um sentimento inerente ao ser humano. Deus ao criar o homem o fez a sua imagem e semelhança, de modo que fomos feitos de modo diverso dos demais seres vivos, temos em nossa composição atributos que geram em nós a crença, advinda do raciocínio que nos conduz a acreditar em algo sem mesmo que o vejamos, toquemos ou comamos, apenas acreditando em sua existência física ou não.

A fé, como descrito nas Escrituras Sagradas: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem.” (Hebreus 11:1)

A fé é exercida na qualidade de fator gerador de melhoria, pois podemos ser humanos melhores através de nossas ações para com outro ser humano, pensando no bem-estar coletivo e até mesmo individual, fazendo com que o homem viva em comunidade.

Exercemos a fé no ato de criação sobre uma matéria para transformação desta em outra. A curiosidade foi aguçada e novas criações surgiram, desde a roda até o ônibus espacial. Sendo a Fé o combustível primordial para que o trabalho saia da sua forma mais primitiva para um avanço tecnológico.

Todavia, não queremos abordar a fé como apenas um sentimento de força motriz para os avanços da humanidade. Nesse trabalho queremos destacar a FÉ cristã. A fé baseada nos ensinamentos de Cristo como o sentimento de GRAÇA que brota do coração daqueles que creem que Deus deu seu único Filho para que todos aqueles que nele crerem não pereçam, mas tenham a vida eterna.

Estamos falando da fé redentora, da fé dita por muitas por louca, a fé que faz com que um homem mude seu comportamento vil, que freie sua natureza pecaminosa para agir de acordo com os ensinamentos de seu Salvador. E por reconhecimento dessa benesse passamos a agir de modo amável, pois aprendemos que devemos amar o próximo como a nós mesmo, buscando fazer isso por obediência e reconhecimento da nossa salvação por amor a Deus, que desde o princípio do mundo nos amou primeiro, tanto que realizou uma obra redentora para nosso resgate e para que mudemos nosso comportamento.

E será sob este aspecto de mudança de comportamento que este artigo pretende se desenrolar, demonstrando que ao longo dos anos o homem entendeu que pela fé em Cristo seu comportamento deveria ser mudado e isso atinge o seu trabalho.

Pela fé o trabalho do homem deve ser amoroso. Seria um adjetivo talvez romântico, mas foi usada por Jesus. Foi amor! Creio que definir o trabalho exercido pelo homem de forma cristã, só deve ser definido com o trabalho feito com amor. Amor a Jesus, amor a Deus, amor ao próximo, amor a si mesmo, amor à criação como um todo.

Para glorificarmos a Deus temos que exercer o trabalho executando-o de forma legítima, usando os recursos que Deus nos confiou para dominar a terra, cumprindo nosso propósito da criação.

No Catecismo de Westminster (1648), que é utilizado por muitas Igrejas Protestantes⁴ como um padrão doutrinário, em sua abertura temos a pergunta primordial: “- Qual é o grande

⁴ Timothy Keller foi perspicaz no texto de introdução do livro Catecismo Nova Cidade, Editora Fiel, 2017, p.7.

objetivo do homem? Resposta – O grande objetivo do homem é glorificar a Deus e gozar dele para sempre.” O trabalho é deve ser realizado como uma forma de glorificar a Deus.

3 FÉ E TRABALHO

Iremos fazer um corte cirúrgico na linha de tempo acima descrita para que possamos analisar como a fé influenciou tais relações de trabalho, iniciaremos no período de Moisés, nos anos de Ministério de Jesus Cristo, na constituição da Igreja Católica Romana, no Protestantismo, no Iluminismo, no Modernismo, no Pós-modernismo e por fim na atualidade.

3.1 No tempo de Moisés

Moisés era levita, as tribos eram comandadas pelo chefe da família (patriarca) que acumulavam a função de sacerdotes, juízes e chefe militar. Tendo nascido em uma época em que os hebreus eram mantidos escravos no Egito, praticavam a agricultura; pastoreio; artesanato e comércio. Moisés foi elevado a líder do povo de Deus, tendo recebido os Dez mandamentos para a aplicação na vida do povo hebreu após a saída da escravidão e trajetória no deserto. Os dez mandamentos constituem o coração da Lei de Deus.

Deus não fez os dez mandamentos⁵ para uma só geração, mas para seu povo, para todo o Israel, a sua nação escolhida, que somos nós, por essa razão este artigo não poderia iniciar seu conteúdo sem abordar os Dez mandamentos, que são as leis de Deus, que são leis fundamentais até os dias atuais.

E daí surgir nova pergunta: As leis não foram dadas aos judeus? E nos que somos gentis devemos obedecê-la? Os judeus foram apenas os receptores da lei, aqueles que a receberam de Deus, mas nós fomos incluídos no plano da salvação por sermos participantes da aliança do Novo Testamento pelo qual adquirimos tal benção pelo sangue de Jesus Cristo, todos juntos somos o “o novo Israel” (RM 11.17)

Moisés não pensou em nós, mas Cristo sim. Jesus Cristo reafirmou os mandamentos dados a Moisés? Sim. Ao falar com o Jovem Rico, Jesus menciona os Dez mandamentos, como sendo uma indicação fundamental para a vida (Mt 19.18); No Sermão do monte Jesus ratifica e aumenta as exigências morais contidas nos dez mandamentos (Mt5.21ss) Jesus afirma que veio para cumprir a lei. Lei essa que o próprio Cristo diz que não se serve acrescentar nem retirar um “i” ou “til”, portanto os Dez mandamentos são válidos para todas as épocas.

⁵ REIFLER, Hans U. A ética dos Dez Mandamentos: um modelo de ética para os nossos dias. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 181 – 218.

Faz-se necessário darmos foco ao oitavo mandamento, pois é o que se aplica ao tema deste artigo. E sobre este iremos nos debruçar.

“Não furtarás” (Êxodo 20.15; Lv 19.11; Dt 5.19) (grifo nosso)

Esse mandamento traz um princípio moral no qual se protege a propriedade. Não furtar significa não possuir algo que não tenha sido obtido por meios legais e de forma honesta. Esse mandamento quer proteger o direito individual de adquirir e administrar sua propriedade, condenando a subtração desta condição.

Mas ao falarmos em furto, logo pensamos na subtração do bem, todavia, furtar vai além da ação de tomar posse. Quero me ater às acepções que envolvem o proceder omissivo, qual seja o ato no qual a pessoa furta de outrem o seu tempo, furta a sua benção, furta a palavra de Deus. Ao retirar o til e o i que trazem o real significado da Palavra de Deus o sujeito furta o direito do conhecimento divino.

Quando se desvia verba, adulteram produtos, medidas, regras comerciais, apropriação de gorjetas, merenda escolar, impostos destinados ao bem comum. Neste mundo envolvo a tanta corrupção o furto é visto como um pequeno “detalhe”, uma conduta aceitável socialmente se de pouca monta, mas isso é errado! Deus foi claro: - “Não furtarás;”.

O homem quando é preguiçoso ele está furtando, pois esse seu pecado certamente prejudica a alguém, sejam seus pais, sua família, seu empregador. Quando o servo é infiel ao seu senhor a vide é destruída com dito nas Escrituras Sagradas. Em várias passagens bíblicas temos exemplos dados onde o trabalho foi confiado ao homem é o mesmo por falha de caráter agiu com torpeza, preguiça, engano e muitos outros fatores que resultaram na perda da propriedade de outro.

Na passagem bíblica na qual Jesus cita que os talentos foram dados as pessoas e essas fizeram mal uso deles, Ele nos mostra claramente que Deus espera de nós que usemos o dom que Ele nos presenteou para agirmos conforme a habilidade concedida, mas muitos por preguiça não querem fazer uso dela, pois “DÁ TRABALHO”.

O trabalho pode ser abordado de muitos modos, mas o se que pretende aqui é dizer que ele representa a ação que Deus espera de você, de mim, de todo ser vivente, até mesmo dos não salvos. Não há no mundo um ser vivente que não tenha uma capacidade dada por Deus. Tudo tem alguma função, seja na cadeia alimentar, seja na função de ser objeto para algum propósito de Deus, tudo tem a sua razão de existir.

Jesus enfatiza que do coração procedem os maus desígnios. E a estes maus designios que fazem com que O HOMEM SE TORNE UM FURTADOR.

No aspecto laboral temos a afirmação em Salmos 128:21 “Do trabalho de tuas mãos comerás feliz serás, e tudo te irá bem”. O trabalhador deve agir com diligência e docilidade, sempre obedecer aos seus senhores, patrões. E do lado oposto à relação trabalhista os empregadores devem pagar salários justos e humanos, com rigor no pagamento e na pontualidade.

No Antigo Testamento o trabalho era valorizado e entre o povo de Deus, os judeus, havia a observância aos mandamentos de Deus. Moisés escreveu o Pentateuco que é composto pelos cinco primeiros livros do Antigo Testamento. A conduta moral, social e econômica era regida pelos ensinamentos contidos nestes livros e dentre estes estava o trabalho digno e correto.

Na perspectiva judaica o trabalho manual era altamente estimado, sendo respeitado como uma dádiva concedida por Deus aos homens. Portanto, o trabalho era considerado como uma obrigação religiosa.

Infelizmente com o passar dos anos surgiu uma dicotomia entre o sagrado e o profano. No Talmude⁶, vemos em uma das orações, a clara distorção entre o trabalho realizado como dádiva de Deus e o trabalho exercido com desvio da observância da lei judaica, voltado para extravagância, preguiça, futilidade, perdição.

Eu te agradeço Senhor, meu Deus porque me deste parte junto daqueles que se assentam na sinagoga, e não junto daqueles que se assentam pelas esquinas das ruas; pois eu me levanto cedo, eles também se levantam cedo; eu me levanto cedo para as palavras da lei, e eles, para as coisas fúteis. Eu me esforço, eles se esforçam: eu me esforço e recebo a recompensa, eles se esforçam e não recebem recompensa. Eu corro e eles correm: eu corro pra a vida do mundo futuro, e eles, para a fossa da perdição (Oração da Talmude)

Diante de sua natureza pecaminosa, o homem, mesmo diante dos mandamentos de Deus, se desvirtuou em seus caminhos. Vemos que sempre houve um desvio de conduta do homem, que buscava caminhar sem observar os preceitos do Criador, que podemos definir como um ato de rebeldia. O trabalho e a fé se distanciaram por vicissitudes humanas.

3.2 No tempo do Ministério de Jesus Cristo

No tempo descrito nas passagens bíblicas do período entre o nascimento e morte de Cristo temos outro panorama econômico e social, que envolvia o controle religioso pelos Judeus e o

⁶ Talmude, cujo nome significa ‘instrução’, consiste em uma coleção de leis rabínicas com seus comentários interpretativos a respeito das leis de Moisés, compilada entre os anos 100 e 500 da Era Cristã.

poderio do Império Romano. Era um mundo hostil, onde o povo estava sobrecarregado com a cobrança de impostos, e sempre houve a idealização de um salvador, de um messias que acabaria com a tirania de Roma, que libertasse o povo do julgo opressor. Essa era visão dos Judeus.

Havia artesões, comerciantes, escravos, médicos, pescadores, ou seja, uma gama de trabalhadores, todos exerciam suas profissões sob os olhares atentos do Império Romano que imputava ao povo o pagamento de impostos, portanto, o trabalho era incentivado como uma forma de gerar renda para que os cofres do império fossem abastecidos.

Jesus nasceu num lar cujo patriarca exercia a função de carpinteiro e se acredita que lhe foi transmitido o conhecimento desta arte. Seu lar era humilde. Na escolha de seus discípulos Jesus buscou, numa diversidade de ocupações, aqueles a quem iria ensinar os conhecimentos de Deus, eles também eram pessoas à margem da sociedade. Não houve em momento algum, a busca de trabalhadores que dispunham de alto conhecimento intelectual. Prevaleceu a simplicidade.

Aos poucos Jesus ia ensinando, não só aos seus discípulos, mas nas sinagogas, nos montes, nas casas e em todo tempo reafirmava os mandamentos dado a Moisés no monte Sinai. Em diversas ocasiões Jesus citou e explicou os mandamentos do decálogo.

O próprio Jesus afirma que assim como Deus Ele estava trabalhando, demonstrando que o trabalho é algo bom e louvável.

Com o advento do Ministério de Jesus Cristo, vemos uma revolução surgindo, pois o Messias revolucionário, esperado pelos Judeus não se enquadrava na pessoa de Jesus Cristo, homem simples, nascido em um lar humilde, acompanhado de pessoas também simples, era um contexto diverso do esperado pelo Judaísmo. O que foi disseminado por Cristo era o amor a Deus e ao próximo. Toda a obra redentora de Cristo foi feita com base no trabalho dado opor Deus a Jesus Cristo, cuja consumação se fez na Cruz. Não houve um ato heroíco e opositor ao poderio Romano.

Homens comuns, pela fé naquele a quem passaram a seguir, tiveram suas vidas modificadas inclusive no que tange ao aspecto da servidão, do trabalho rotineiro, na labuta diária. Servir ganhou nova roupagem, nova dimensão, o que era pequeno e sem beleza passou a ser visto como algo que significa dignidade e honradez. Ser útil era bom e os cristãos passaram a valorizar seus trabalhos, agindo com mais amor ao próximo. O cansaço não era mais visto como um castigo, mas uma constatação de que o labor produziu bons frutos, dignos de honrar a Deus.

O suor e a fadiga, destacado em Gênesis, representa a condição da humanidade, e isto proporciona ao cristão a possibilidade de participar no amor à obra que Cristo veio a realizar. Levando consigo a cruz de cada dia nas atividades que é chamado a realizar. Portanto, o cansaço vem como uma pequena parcela que deve carregar na obra redentora de Cristo.

Ser um bom trabalhador é um modo de honra e dar Gloria a Deus seguindo fielmente os mandamentos de Cristo. O que deve se ressaltado é que Jesus não ensinou uma correta conduta apenas ao menos favorecido na relação de trabalho, qual seja, o trabalhador, Ele também ensinava ao patrão uma conduta correta. O amor ao próximo era uma via de duas mãos e não apenas algo que se aplica apenas uma parcela da sociedade.

Deste modo, que a fé em Jesus Cristo revolucionou as relações de trabalho. Amar seu próximo como a si mesmo tem uma ampla extensão não apenas social, familiar, mas também econômica. Se eu amo meu servo, eu respeito seu trabalho, pago o devido salário correspondente ao serviço prestado e reconheço sua necessidade de descanso, busco melhorar sua condição de vida. Ao revés, se sou bom trabalhador procuro fazer o melhor trabalho possível para que o fruto do meu trabalho seja bom, que meu empregador prospere, agindo corretamente em relação ao tempo, ao material, ao convívio, a produtividade.

Jesus nos deixou uma grande lição ao dizer que não veio ao mundo para ser servido, mas para servir. Aos Apóstolos foi confiada a tarefa de espalhar as boas novas e divulgar os ensinamentos dados por Cristo. Encontramos no Didaquê⁷ no capítulo XII, o reflexo destes princípios:

1. Acolha todo aquele que vier em nome do Senhor. Depois, examine para conhecê-lo, pois você tem discernimento para distinguir a esquerda da direita.
2. Se o hóspede estiver de passagem, dê-lhe ajuda no que puder. Entretanto, ele não deve permanecer com você mais que dois ou três dias, se necessário.
3. Se quiser se estabelecer e tiver uma profissão, então que trabalhe para se sustentar.
4. Porém, se ele não tiver profissão, proceda de acordo com a prudência, para eu um cristão não viva ociosamente em seu meio.
5. Se ele não aceitar isso. Trata-se de um comerciante de Cristo. Tenha cuidado com essa gente!

Essa mudança de mentalidade está intimamente ligada ao exercício da fé. Vemos nos posicionamentos acima que o trabalho era necessário e deveria ser exercício por todos. Aqueles que se afastavam do trabalho, sem motivo, eram ditos como pessoas não confiáveis.

⁷ Didaquê – documento anônimo amplamente aceito. Por sua pretensão de ter sido redigido pelos apóstolos, dá-se o seu nome completo como: Didaquê: ensino do senhor através dos doze apóstolos.

A igreja primitiva formada pelos apóstolos se expandiu. Muitas Igrejas foram formadas em diversas cidades. A mensagem de Cristo era difundida e para identificar os seguidores de Cristo foi utilizada a palavra “cristãos”.

3.3 No tempo do Igreja Católica Apostólica Romana

Com a evolução da Era Cristã, vemos que a expansão do Cristianismo. A Igreja católica foi sendo construída durante séculos, mas podemos destacar como marco o ano de 380 D.C quando houve a adoção do Cristianismo como religião oficial do Império Romano.

Roma foi uma grande potência, tendo sido um império desbravador. Estradas foram construídas, aquedutos, literatura, relações comerciais. Mas algo que mais se destaca como legado da cultura romana foi o advento do Cristianismo como religião.

Muitos adotaram o Cristianismo como religião por uma questão de imposição do Império Romano e não por vontade própria, de modo que as práticas mundanas não foram alteradas, o comportamento dos novos cristãos não era condizente com os ensinamentos de Cristo. A usura, a fornicação, a lascívia, a cobiça, estiveram presentes no desenrolar da história da Igreja Católica. Não podemos dizer que todos os novos convertidos seguiam este comportamento, mas devido à adoção de culturas pagãs para satisfazer os desejos daqueles que adentraram para Igreja, muitos não tiveram uma mudança real.

Isto refletiu negativamente no trabalho, pois a banalização da vida cristã trouxe frouxidão no senso de honradez e utilidade do servo. A era Constantianiana trouxe o mundo para dentro da Igreja e não a Igreja para o mundo, tudo era aceitável, bastava que se confessasse cristão. Havia os cristãos fiéis aos ensinamentos de Cristo, mas estes se tornaram minoria, pois os demais não mudaram seus comportamentos apenas adotam o título religioso.

O brilho da honradez do trabalhado foi apagado, pela agregação de conceitos não cristãos. Formando uma verdadeira miscelânea, no qual o paganismo se misturava com o cristianismo.

A Igreja Católica cresceu exponencialmente na Idade Média, abriu muitas fronteiras e passou a ser possuidora de muitas terras e mantenedora de um grande e vasto poderio sobre os pobres e ricos. Seu domínio era quase absoluto.

Na Idade Média o trabalho era dividido entre importância social: oradores (eclesiásticos), defensores (guerreiros) e os trabalhadores (agricultores, camponeses que estavam nos feudos).

O clero ocupava o topo da hierarquia social. A Igreja católica se expandiu por toda Europa, mantenedora de muitas terras, agia com demasiada imposição de suas vontades, sob o argumento de ser a portadora da vontade divina.

A Igreja passou a adotar práticas de pressão psicológica para conduzir seus membros para a prática de ações que lhe trouxessem benefícios, pois caso não fossem cumpridas o cristão era tido como pecador, podendo sofrer represálias.

O resultado foram séculos de opressão sobre os trabalhadores, a servidão era novamente um fardo pesado e desleal, onde o trabalhador esperava que a penúria terrena fosse recompensada pela salvação de sua alma. Sob essa ótica, o trabalho era visto como um castigo legítimo diante dos pecados humanos, o que era absurdamente pregado pela Igreja.

3.3.1 Igreja Católica nos tempos atuais.

Abriremos um parêntese para termos uma visão atual sobre esse tema, sob a perspectiva a Igreja Católica, buscando com fonte atual a Carta Encíclica *Laborem exercens*. Nesta carta o Pontífice inicia sua fala demarcando duas realidades dentro da sociedade moderna, apontando de um lado o Capitalismo e do outro o comunismo, que estiveram presente no século XX.

Dentro destes dois conceitos político e econômicos o Papa relata que o “sistema cristão” foi de suma importância para atender as necessidades humanas e sociais da época entre o início do Capitalismo e as revoluções socialistas, ressaltando que muitos embates surgiram em decorrência das tensões sociais resultantes de ambos os sistemas. Ressaltando que a Doutrina social católica foi um norteador que apontava para a divindade do trabalho, como um atributo dado por Deus aos homens.

Em seu discurso o Papa João Paulo II arroga a Igreja Católica o direito, o dever e a competência de ter apresentado uma via de solução intermediária entre concentração capitalista e a coletivização comunitária, com o objetivo de recolocar o homem no centro das preocupações que envolviam o processo produtivo.

A Igreja Católica se aclama como intermediadora entre o Terreno e o Espiritual, se pondo acima e além das tensões sociais, afirmando a impossibilidade de contestação de suas diretrizes, sob pena de contradição a ordem divina. Em sua fala, a Igreja Católica cabe à missão de interpretar a sociedade para encontrar a “gradual solução” para os problemas, que no presente caso, são aqueles referentes ao trabalho humano.

João Paulo II introduz uma distinção entre o trabalho objetivo (técnica do domínio sobre a matéria) e o trabalho subjetivo (o homem como sujeito ativo do trabalho), mas que são partes integrantes de um mesmo propósito dado por Deus ao homem.

Destaca que o “trabalho é para o homem e não o homem para o trabalho”. Apontado que ao longo dos anos houve uma degradação do trabalho, em virtude do desarranjo da ordem social oriundos do materialismo liberal, no qual é nítida a separação entre capital e trabalho onde o lucro é a meta e o homem apenas como o vendedor do trabalho (fator de produção – gerador de lucro), perdendo-se o plano divino estabelecido originalmente.

Como fator de produção o homem passa a ter menos valor do que o trabalho humano, pois é mais precário que a máquina. Há uma desvalorização do homem.

Entretanto, o Pontífice João Paulo II encarou tais questões capitalistas (geração/lucro) como uma mera formalidade ética, pois afirmou que ao homem, mesmo diante do cenário capitalista cumprir a finalidade divina, qual seja: dominar a terra e produzir. Ele ignora a luta entre as classes da burguesia e do proletariado, apontando como gerador do conflito a “degradação universal do trabalho”. Ou seja, no discurso de João Paulo II na encíclica ele reafirma a doutrina tradicional, se pronunciando como única via para instaurar a justiça no mundo. O homem deve cumprir sua finalidade divina: trabalhar, mesmo sofrendo pressões sociais, mesmo diante das desvalorizações. O que se conclui que a Igreja católica historicamente sempre fechou seus olhos para as injustas da propriedade privada e o trabalho assalariado.

3.4 No tempo da Reforma Protestante

Retornando a linha temporal dentro do contexto de evolução da sociedade, temos o período intitulado como Reforma Protestante, movimento religioso que ocorreu no século XVI que rompeu o muro de sustentação da Igreja Católica. Os reformadores, em boa parte, defendiam a volta à Igreja Patrística, qual seja, a Igreja elaborada pelos primeiros Pais Apostólicos que consiste na elaboração doutrinal das verdades de fé do Cristianismo.

Com a queda da Igreja Católica, iniciada por Lutero, mas consolidada principalmente por Calvino, os princípios do Cristianismo foram resgatados. O amor aos ensinamentos de Cristo foi um dos pontos altos da Reforma Protestante.

Com a Reforma Protestante tivemos um recomeço uma nova busca pelo que Cristo havia determinado. Um retorno à Igreja elaborada pelos primeiros Pais Apostólicos, de modo que o homem comum podia se sentir novamente abençoado pela Palavra de Deus e não apenas julgado e condenado por ela. Era o fim das indulgências, condenações,

desapropriações em nome da Santa Igreja Romana. A era da Graça resplandece, o homem é grato a Deus por tudo e em agradecimento se torna útil novamente para Deus e para o mundo. O acesso à leitura facilitou esse crescimento.

O respeito ao trabalho pode ser comprovado com a não cobrança de indulgências ou qualquer outro encargo aos fiéis. Qualquer participação financeira se fazia por livre e espontânea vontade com ciência do cumprimento individual das Escrituras Sagradas.

O trabalhador era valorizado, não sofria assédio para que se pagasse por um “lugar no céu” ou para que não se fosse dito como pecador. O povo teve acesso à leitura e ao conhecimento das Escrituras Sagradas. O conhecimento trouxe o idealismo de agir de modo correto e digno. A alfabetização das massas trouxe novas profissões, novo desejo de crescimento. A reforma Protestante foi incentivadora do crescimento intelectual e social, o que refletiu na econômica. O trabalho era desempenhado com zelo e mais expertise.

Para o reformador Calvino o trabalho humano é uma vocação de Deus. Sendo algo digno, pois deve ser visto como providência divina na vida do homem. A privação do trabalho é um flagelo para alma humana, visto que somente atingiremos a plenitude se trabalharmos na fé e na obediência de Deus. Essa é a vocação humana.

O homem só pode ser considerado homem quando satisfaz suas necessidades, e desta forma se educa, não apenas na teoria, mas também na prática. O trabalho exige conhecimento e hábito na ocupação. O homem civilizado é educado no costume e na necessidade da ocupação. O trabalho deve ser considerado como uma prenda conferida por Deus, independentemente dos senhores terrenos, assim não importa o trabalho em si, mas o espírito com o qual ele é feito.

A dignidade é o fator primordial, devendo permear o comportamento humano no exercício em nossas ações. E dignidade deve ser entendida como uma ação voltada para glorificar a Deus, pois que a realizamos para o Senhor e pela capacitação dado pelo Senhor.

Belíssima oração⁸ de João Calvino que retrata seu posicionamento sobre o tema em apreço que demonstra o pensamento reformado:

“Nosso bom Deus, Pai e Salvador, uma vez que a Ti Te aprouve ordenar que trabalhemos para podermos atender à nossa pobreza, por Tua graça, de tal modo abençoa nosso trabalho que Tua bênção se estenda até nós, sem o que ninguém

⁸ João Calvino, 1509—1564, “Oração para antes do trabalho”, 1562. *Orações*. OPERA CALVINI, tomo VI, p. 137. **In:** Biéler, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. Trad. Luz, Waldyr Carvalho. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 513.

poderá prosperar no bem, e que tal favor nos sirva para testemunho de Tua bondade e assistência, por meio da qual reconhecamos o paternal cuidado que tens por nós. Ademais, Senhor, que Te apraza assistir-nos por Teu Santo Espírito, para que possamos exercer fielmente nosso dever e vocação sem qualquer dolo nem engano. Pelo contrário, que tenhamos antes o propósito de seguir tua ordenança que satisfazer o desejo de enriquecer-nos; que se, não obstante, a Ti Te apraz prosperar nosso trabalho, que também nos dês a disposição de proporcionar assistência àqueles que estão na pobreza, segundo os recursos que nos houveres dado, retendo-nos em toda humildade, a fim de que não nos elevemos acima daqueles que não hajam recebido tal abundância de tua generosidade. Ou, se nos queres tratar em maior pobreza e indigência do que desejaria nossa carne, que Te apraza conceder-nos a graça acrescentando fé em Tuas promessas, para fazer-nos seguros de que nos haverás de, por Tua bondade, prover-nos sempre o sustento, de sorte que não caiamos na descrença; antes, pelo contrário, esperemos pacientemente que nos acrescentes não somente de Tuas graças temporais, mas também de Tuas graças espirituais, para que tenhamos sempre mais amplo motivo e ocasião de render-Te graças e descansar inteiramente em Tua bondade somente. Ouve-nos, Pai de misericórdia, por Jesus Cristo, Teu Filho, nosso Senhor.”

Mas não podemos omitir que houve uma guerra travada entre a Igreja Católica e os Protestantes, uma guerra ideológica. Tais tensões marcaram a transição do feudalismo para a Idade Moderna.

3.5 No Tempo do Iluminismo – Idade Moderna

O conflito religioso entre a Igreja Católica e o Protestantismo trouxe como consequência um desgaste. Surge o Iluminismo como um movimento desbravador, voltado para o Homem como centro das atenções e rejeitando o divino como regulador das relações culturais, sócias e econômicas.

O Iluminismo, intitulado como era das “Luzes” numa referência a escuridão que o mundo havia estado durante Idade Média, na qual tudo e todos eram controlados pela Igreja Católica. Agora a “luz” da razão se fazia presente e o homem pensaria por si próprio.

O Iluminismo trouxe o humanismo ao mundo moderno. Tendo surgido como herança do movimento renascentista, retomando pensamentos greco-romanos de cultura ao ócio e valorização do trabalho intelectual, em desvalia ao trabalho braçal. Segundo o pensamento de Platão (427-347 a. C.) nascemos para comandar, não para servir.

Todavia, tal movimento se esqueceu de que nem todos estão no topo para desfrutar das benesses da burguesia e de que o homem é pecador por natureza e sua condição de miserabilidade o impede de progredir sem que suas mazelas o destruam, somente com a interferência divina podemos ter uma conduta digna e ter um padrão moral correto e eficaz. A razão não substitui a necessidade humana de ser remido de seus pecados. O homem sendo o seu próprio condutor o leva a graves falhas de conduta.

Num mundo onde o capitalismo avançava de forma descontrolada, quanto mais se afastava a concepção religiosa de trabalho mais se incentivava a prática de cruel do mercado

de trabalho, onde a exploração do labor é necessária para obtenção do lucro. Os trabalhadores se submetiam a baixos salários, diante da escassez de serviços, pois as máquinas substituíam o homem. O trabalho era um modo de exploração, de submissão da condição humana, se perdeu a visão de benefício divino para a condição de penúria.

O crescimento do mundo; a briga eclesiástica; o surgimento das máquinas e da produção em larga escala trouxeram a ganância e o homem trabalhador novamente se vê rebaixado, comprado, onde sua utilidade é diminuída pela simples substituição, não há mais valorização pessoal, cada qual é uma peça substituível num universo de milhões de peças a serem usadas e descartadas da mesma forma cruel.

Ressurge a escravidão com nova roupagem, a de um operário. Como falar de Cristo a tais operários no mundo moderno, já cansados de guerras, fomes, vícios e opressões, surge o movimento da Teologia da Prosperidade, onde o homem é enaltecido com poder para mudar o que ele quiser, basta se sacrificar doar, fazer, trocar com Deus e tudo lhe será concedido.

A era da Graça perde lugar para a era da Prosperidade onde é preciso fazer boas obras para obter a salvação. A compra ou troca era um padrão da sociedade. E a moeda de troca era a bondade em troca da salvação. O intuito é fazer para receber e ao contrário se eu não faço, não recebo. Os prósperos são vistos como bons e os pobres como pecadores, uma visão rasa e desprovida do conceito de Graça trazida por Cristo. A teologia da Prosperidade ao enfatizar a riqueza como prova da aproximação a Deus foi um modo cruel de novamente subjugar o povo, já que o trabalho é visto somente como uma fonte de renda para o sustento dos líderes.

A civilização teve suas raízes espirituais arrancadas por ideologias que buscavam substituir a fé cristã, mas que na verdade deixaram um vácuo que levou o mundo a toda sorte de demagogias religiosas, filosóficas e políticas. Tudo pela recusa de aceitar Deus como Senhor de nossas vidas e que pela Graça divina alcançamos a salvação e não por obras humanas.

O movimento Romantismo ressurgiu na era das Luzes. Segundo os preceitos do romantismo, Deus se confunde com a natureza e a natureza sendo a força vital do homem o molda, não havendo o porquê de se ater aos ensinamentos da Escritura Sagrada, pois Deus se manifesta em tudo e não num código de normas escritas por homens.

Adentrando na era do Modernismo as palavras: igualdade, fé na Inteligência humana e razão universal e pensamento otimista, eram as grandes bandeiras. O que não perdurou devido as grandes tensões do século XX: duas guerras mundiais, campos de concentração,

militarismo, ameaça nuclear etc. O otimismo não conseguiu se estabelecer diante de um cenário de extrema hostilidade.

Tudo levava ao afastamento da religião, o que trouxe desgraça e confusão e não “luzes” como propagava o Iluminismo. O caos foi iniciado.

3.6 Idade Pós-Moderna

Houve muitas teologias para reconectar Cristo e o novo mundo que surgia, mas não obtiveram grandes êxitos. Muitos outros movimentos que discutiam a grandeza do homem e o Poder de Deus e até mesmo se Cristo era apenas um mito ou uma história. A razão como a fator primordial mudou o mundo de maneira que o retorno à teologia clássica já não era mais possível.

E a agora estamos num mundo pós-moderno, cujo objetivo é o abandono de tudo, onde a diversidade impera. Tal movimento teve início na segunda metade do século XX, implantado o pensamento de demolição de todas as formas estáveis, dentre elas o Cristianismo.

Surge a teoria do desconstrutivismo que ameaça toda a verdade esculpida durante séculos de toda a existência da humanidade. E o trabalho e a fé passam por uma nova perspectiva, num mundo sem verdades, onde em nada se acredita e o que é pior, nada se teme, o homem perdeu o freio de seus atos e consequências. A vida se tornou desgovernada e poucos olham com fé a esperança do por vir e o trabalho é um desafio diário para se manter dentro de uma sociedade depravada.

Num mundo sem limites, sem planejamento racional, na busca de uma vida livre de contenções sociais, religiosas ou políticas. Diversos conflitos geraram um novo gênero filosófico que se revoltam com todo o percurso da história a partir do triunfo do Cristianismo e buscam remodelar a própria história com a inclusão de novos padrões.

A verdade é vista como plural, ou seja, elas são relativas e dependem do contexto social e cultural, não há contradição entre as verdades individuais, acredita-se que apenas ocorre uma complementação entre as mesmas. O que se aplica também na verdade religiosa, os conceitos cristãos se tornam relativos, a mensagem redentora de Jesus e todo seu ministério são vistos como uma mera história ocorrida, cuja leitura irá variar individualmente.

Outro fator que deve ser ressaltado na filosofia pós-moderna e o fato de que não há mais o conceito de neutralidade, pois não se considera plausível a realização de uma ação neutra, visto que o julgamento humano é encharcado das crenças e verdades de cada

indivíduo, de modo que não existe uma análise totalmente isenta, as informações buscadas seguem um padrão do buscador e isso corrompe o julgamento.

O cristianismo até mesmo reconhece a impossibilidade da neutralidade, porém sob outro prisma de que o homem se distanciou de Deus por seguir as paixões de seu coração pecaminoso e age segundo seus impulsos. Quando o correto era adotar a neutralidade da verdade contida em Cristo. Diferentemente do pensamento Pós-moderno, ressalta que existe somente uma verdade a ser seguida e que está é única e perfeita e que não procede do coração do homem, vem de Deus e por isso é a correta. E pela fé depositada no filho unigênito como Senhor e Salvador de nossas vidas, podemos ter restaurada a comunhão com o divino e assim o trabalho que desempenhamos é feito de modo digno e correto.

4.0 CONCLUSÃO ÉTICA

Diante de toda a panorâmica desenvolvida durante a concepção deste trabalho, apenas resta efetuar uma conclusão sob o aspecto ético das teorias que se desenvolveram nas gerações passadas e na atual geração.

Dentro da visão de sociedade, o mandamento divino do trabalho passou por diversas abordagens, mas sobre olhar cristão não podemos titubear quanto ao determinado por Deus ao homem como mandamento.

Temos a certeza de que algo não pode ser expresso pela vontade e determinação individual, pois se assim o fosse o certo é o que é certo para cada um de nós. Essa visão nos levaria ao anarquismo. E sobre essa visão, infelizmente atualmente se repousa a teoria do desconstrutivismo na qual tudo construído pode ser desfeito para que se alcance uma nova concepção com base nas ideias humanas. Contudo, não há entre aqueles que defendem tais posicionamentos um consenso do que se pode construir, apenas que se pode a tudo desconstruir.

Sempre houve na raça humana o medo do desconhecido, o medo da ira de Deus, o medo da punição. Este sentimento também está sendo desincentivado, o que torna o homem indestrutível aos seus olhos, mas que na verdade o leva ao caos. Insistir que não existem árbitros finais daquilo que é certo ou errado, nos leva ao fim da sociedade.

Para a religião cristã Jesus é a verdade (João 14:6), sendo a fonte da qual emana a verdade. Existe um norte a ser seguido, o homem tem um caminho correto a percorrer, e

ciente da verdade esboçada em Cristo, a humanidade segue um padrão linear, onde os valores podem ser partilhados, não há opiniões subjetivas.

A fé e o trabalho são mandamentos de Deus e devem agir conjuntamente na vida de um cristão. Nosso crescimento social está à beira de uma catástrofe, pois se nega o conhecimento do passado em detrimento de uma busca irreal de uma verdade subjetiva sem parâmetros, uma vez que se nega reconhecer a importância dos conhecimentos adquiridos por nossos ancestrais.

Hoje, o novo é idolatrado, mas o que é novo hoje, amanhã já não o será. E ficamos sem base para uma construção segura de uma sociedade sólida. A solidez se forma através de alicerces construídos, porém se concordarmos em modificar tudo não restará nada para nos apoiarmos e teremos inevitavelmente uma sociedade fraca, sem rumo, sem saber em que acreditar, sem um caminho a perseguir o homem sempre irá se perder no labirinto de seus pensamentos.

Jesus deixou claro que Ele é o caminho, a verdade e a vida e somente por Ele iremos alcançar a Deus. Não há outro modo de salvação, não há outro caminho a percorrer sem se perder. Muitos tentaram como vimos no transcórre deste artigo, mas todos falharam quando se afastaram de Deus. Fé e trabalho devem andar juntos na vida de um verdadeiro cristão!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Martin Fontes, 2007. p. 1147 – 1149
- BERTUCI, Heber R. A Hermenêutica na Pós-Modernidade Rio de Janeiro, 2021. Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton – Disciplina: Hermenêutica
- COSTA, Hermisten M. P. da. O trabalho como exercício criativo e alegre da vocação de Deus - Fundamentos e implicações: uma aproximação Reformada.
- GEISLER, Norman L. Ética cristã: alternativas e questões contemporâneas. Tradução: *Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 136-149*
- NASCIMENTO FILHO, Antônio José do. A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Eclesiologia dos Reformadores. Rio de Janeiro: Edição Catedral, 2013.
- JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Laborem exercens*. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. [Promulgada em 14 de setembro de 1981]. (Coleção A voz do Papa, n. 160).

REIFLER, Hans U. A ética dos Dez Mandamentos: um modelo de ética para os nossos dias.

São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 181 – 218

STANLEY J. GRENZ & ROGER E. OLSON. A teologia do século 20 e os anos críticos do século 21. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 15-25

Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/a-sociedade-feudal.htm>.

<https://historiadamundo.com.br>; Acesso em: 20 de junho de 2022.